

Ensino participativo na educação médica

Participatory teaching in medical education

Darlan S. Ferreira¹

¹Médico antroposófico.
Endereço para
correspondência:
darlanferreira@uol.com.br

Palavras-chave:

Educação médica;
ensino participativo;
trimembração; didática
médica; grupos de trabalho
no ensino médico.

Key words: *Medical
education; participatory
teaching; threefoldness;
medical didactics;
working groups in medical
education.*

RESUMO

Este artigo foi escrito com base nos conteúdos do curso *Teach the teacher in teaching anthroposophic medicine* (Ensinar o professor no ensino da medicina antroposófica), da Seção Médica do Goetheanum (Dornach, Suíça). Na formação médica, o conhecimento precisa ser construído pelo aluno e não apenas ensinado pelo professor. É fundamental que o aluno participe ativamente do processo de aprendizagem para desenvolver 'competência', para que além de conhecer ele seja também capaz de se comunicar e de aplicar os conhecimentos da antroposofia em sua profissão. Algumas dinâmicas de trabalho são apresentadas, visando trimembrar o ensino: primeiro aprender, através da exposição do conteúdo pelo professor, depois os alunos conversam através das dinâmicas de classe, e por último eles apresentam o tema da forma como compreenderam. Receber a informação, desenvolver um senso interior e encaminhar de volta ao mundo – é uma proposta de educação que não se limita a informar, mas cria a possibilidade do aluno representar aquilo que aprendeu; uma educação que perpassa os três âmbitos da natureza humana: o pensar, o sentir e o querer.

ABSTRACT

This article was written based on the contents of the course 'Teach the teacher in teaching anthroposophic medicine', of the Medical Section at the Goetheanum (Dornach, Switzerland). In medical education, knowledge must be constructed by the student and not just taught by the teacher. It is fundamental that the student participates actively in the learning process to develop 'competence', so besides knowing he/she could also be able to communicate and apply the knowledge of anthroposophy in his/her profession. Some work dynamics are presented, aiming to comprehend the three aspects of the teaching: first to learn, through the exposition of the content by the teacher, then the students talk through the class dynamics, and finally they present the theme based on their understanding. Receiving the information, developing an inner sense and sending back to the world – it is a proposal of education that is not limited to informing, but it creates the possibility of the student to represent what he/she has learned; an education that permeates the three spheres of human nature: thinking, feeling and willing.

Cursos que são dados apenas com aulas expositivas não têm a mesma eficácia de cursos nos quais os alunos participam ativamente do processo de aprendizagem. Faz parte da natureza do ensino de boa qualidade que ele tenha um caráter participativo. É preciso que os professores estimulem a participação dos alunos para que eles sejam capazes não apenas de saber, mas também de comunicar e por em prática o que aprenderam. Uma educação que não se destine apenas às cabeças dos alunos, mas que possa chegar à sua linguagem e aos seus atos.

Segundo pesquisa feita pelo *National Training Laboratories*, de Betel, Maine (EUA), que deu origem à “pirâmide do aprendizado”, a participação ativa do aluno no processo de aprendizagem resulta em maior retenção do conteúdo que foi ensinado (Figura 1). Baseado na pesquisa pode-se constatar que o método de ensino menos eficaz é o que se baseia em palestras ou aulas expositivas, onde apenas o professor fala e os alunos escutam. A leitura de textos durante as aulas, recursos áudio visuais e demonstrações ilustrativas melhoram um pouco a retenção do que foi aprendido. Porém, quando os alunos estão ativamente engajados e colaborando uns com os outros o grau de retenção aumenta consideravelmente.¹



Diante da diferença dos índices de fixação da aprendizagem, entre os métodos em que os alunos apenas estão assistindo as aulas e aqueles em que eles participam ativamente, o melhor que o professor pode fazer é planejar suas aulas e atividades, de modo a engajar os alunos no processo de aprendizagem, através de grupos de trabalho, grupos de discussão, atividades práticas e fazendo com que os alunos ensinem uns aos outros mesmo na fase inicial da aprendizagem.¹

É possível imaginar a dificuldade que é fazer uma pesquisa como esta, onde se observa seres humanos ensinando e aprendendo. Há aí elementos imponderáveis como a didática, a competência pedagógica do professor, os conhecimentos prévios e o interesse dos alunos.² Contudo, ao se padronizar temas e tipos de aulas que são dados para uma mesma turma, os resultados se tornam por demais expres-

sivos para serem desconsiderados.

Enfocaremos dois conceitos que se complementam: um é educar de modo participativo e o outro é educar visando competência (cujo conceito será abordado adiante). Em particular, no caso da formação em medicina antroposófica, não basta aprender os conceitos. O professor deve visar uma educação que torne o aluno capaz de comunicar e por em prática o que aprendeu. A aprendizagem participativa pode ser feita desde o início da formação. A estratégia será a formação dos grupos de trabalho. Grupos só de médicos ou com profissionais das diversas áreas da saúde, como psicólogos e dentistas, o que permitiria também preparar os alunos para o trabalho interdisciplinar, possibilitando que o conhecimento seja abordado sob pontos de vista diferentes e treinando o entendimento das linguagens das diversas áreas. Certamente há temas de interesse exclusivo de cada uma das diversas profissões e para esses temas os profissionais precisariam estar em grupos separados. Porém a medicina antroposófica tem nítido caráter integrativo, que lhe é essencial, ou seja, é uma proposta médica que para ser plenamente desenvolvida deveria ser ensinada de modo multi e interdisciplinar.

Mesmo visando a aprendizagem individual, os grupos de trabalho são úteis, pois criam um ambiente onde todos podem se conhecer e se sentir à vontade para se manifestar e superar dificuldades. Pode-se propor a formação de pequenos grupos para que os alunos conversem entre si sobre o que compreenderam ou não. Através disso cada aluno pode fazer uma espécie de autoavaliação e constatar se realmente aprendeu aquilo que foi apresentado pelo professor. É importante que o aluno fale sobre o que aprendeu. Pode ser que ele esteja de posse das ideias, mas ainda não da linguagem referente ao tema. A tríade “andar, falar, pensar”, nesta ordem, é uma sequência proposta pela antroposofia para a educação de crianças, e essa sequência pode ser invertida na educação de adultos. Educar primeiro através dos pensamentos, depois falar sobre o que aprendeu e por último chegar à motricidade, à realização, trazendo para a prática o que foi aprendido. Depois de entender é preciso ser capaz de falar, saber se comunicar, para que se possa então trabalhar, por em prática. Quando o aluno é levado a falar, ele se depara com dificuldades que não sabia que tinha. Quando ouve outro aluno, ele tem a oportunidade de conferir o que aprendeu, de avaliar e de dar um retorno ao seu companheiro. Resulta que desta interação surgem perguntas que podem ser respondidas nas próximas aulas ou em plenárias, em que todos estarão reunidos com o professor.

Em qualquer trabalho de grupo, é fundamental que o tema da discussão seja bem claro e para isso é necessário que, antes de cada reunião, haja uma explanação feita pelo professor ou pela coordenação, a respeito do que deve ser discutido. Mesmo quando se trata de grupos pequenos, a dinâmica proposta pelo professor deve prever que todos falem e todos treinem a capacidade de ouvir.

APRENDER ENSINANDO

Dinâmica 1: Há uma possibilidade bem simples de trabalho em grupo que pode ser feita por um período aproximado de vinte minutos, antes do término de cada aula ou no encerramento de um tópico (Figura 2).

Os alunos agrupam-se em grandes ou pequenos círculos, de modo que estejam sentados um ao lado dos outros (Figura 2-A), e em seguida formem pares. Quem ficou com o braço direito voltado para seu par, vai, por cinco a dez minutos, falar sobre o que entendeu ou não do tema, ou parte do tema, que acabou de ser apresentado na aula. O outro vai apenas ouvir, sem perguntar, sem interferir e sem conversar (Figura 2-B). O círculo será sempre mantido e assim que terminar o tempo, aquele que estava ouvindo, de cada uma das duplas, vai virar-se para quem estava falando, da dupla ao lado, e então agora os papéis se inverterão. De modo que quem estava no papel de "professor" vai se tornar "aluno" e quem foi "aluno" agora vai dar aula. As novas duplas têm o mesmo tempo, cinco a dez minutos (Figura 2-C). Terminado o tempo, as duplas originais voltam a se recompor por mais cinco a dez minutos, para conversarem. Só neste momento há um diálogo livre sobre o que cada um ouviu, sobre as dificuldades e discordâncias. Nesta fase os membros da dupla podem tentar se ajudar, tirar dúvidas e principalmente podem elaborar perguntas para serem levadas ao professor (Figura 2-D).

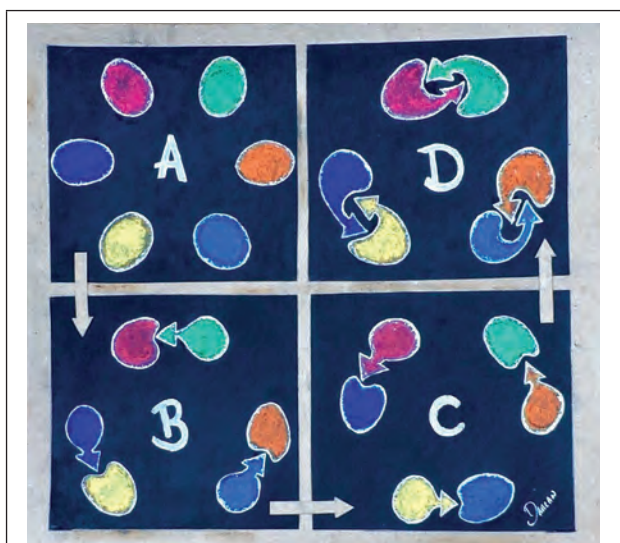


Figura 2. Dinâmica de duplas em círculo.

Dinâmica 2: A diferença desta em relação à anterior é que aqui há o encontro de um número maior de pessoas para o diálogo final (Figura 3). Em grupos onde há um número maior de alunos, o professor deve cuidar para que realmente todos estejam ativos. Há alunos que têm dificuldade de se manifestar em grupos maiores e por isso as dinâmicas 1 e 2 podem ser alternadas.

A turma pode ser dividida em diversos grupos de quatro pessoas, cada uma de uma cor: verde, amarelo, azul e vermelho (Figura 3-A). Em cada grupo formam-se inicialmente dois pares: verde com amarelo e azul com vermelho. Por cinco a dez minutos o verde vai dar aula para o amarelo, e o vermelho vai dar aula para o azul. É importante que nesta fase não haja diálogo (Figura 3-B). O tema vai ser escolhido pelo professor, mas o ideal é que os alunos conversem sobre a aula que recém terminou. Em seguida, também por cinco a dez minutos, haverá uma troca entre as duplas: o amarelo vai dar aula para o vermelho, e o azul vai dar aula para o verde, de modo que quem falou agora ouve e quem ouviu passe a falar (Figura 3-C). No momento seguinte os quatro componentes do grupo, voltam a se juntar e conversam entre si, livremente, por dez a vinte minutos, para trocarem impressões sobre a vivência, as dificuldades, as dúvidas e para elaborarem perguntas (Figura 3-D). Vai depender do tema, do tempo de aula, do número de alunos e do bom senso do professor, mas é possível realizar essa dinâmica em trinta minutos. Em uma aula que tenha uma hora e meia de duração, o professor apresentaria o tema na primeira hora e no restante do tempo os alunos podem realizar essa dinâmica.

Há ainda outro aspecto positivo nessas dinâmicas: sabendo desde o início que irão falar sobre os temas, os alunos tendem a ficar mais atentos durante as aulas.

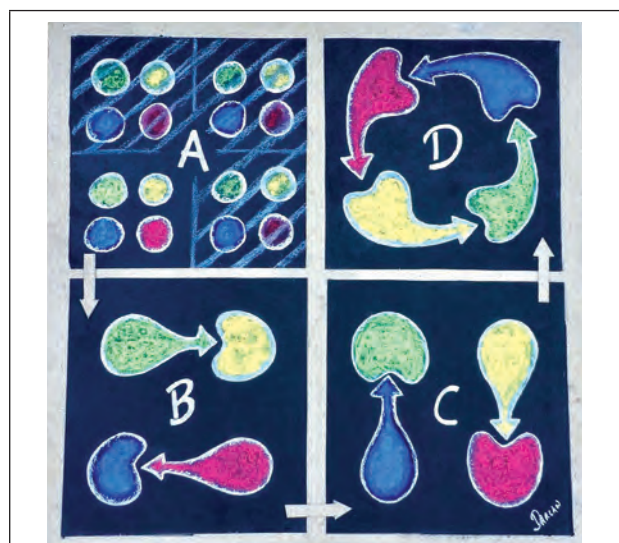


Figura 3. Dinâmica em grupos de quatro alunos.

GRUPOS DE TRABALHO

O trabalho em grupo, além de trazer a cognição para o âmbito da fala, educa o aluno para interagir socialmente, para gerir as ações que o tornam capaz de produzir e de comunicar conhecimentos. A forma de trabalho em

grupos que será proposta a seguir recomendada no curso *Teach the teacher in teaching anthroposophic medicine* (Ensinar o professor no ensino da medicina antroposófica) da Seção Médica do Goetheanum (Dornach, Suíça), como uma estratégia possível, na educação médica que visa a competência e não apenas o aprendizado.

Os grupos de trabalho podem ser formados aleatoriamente ou com algum critério, e devem ser mantidos, sem trocar as pessoas, por algum tempo, por todo um módulo, ou por um período maior dentro da formação, ou mesmo por todo o curso, de modo que os participantes possam se conhecer e treinar esse trabalho conjunto. Cada grupo pode escolher um nome ou uma cor para sua identificação. O ideal é que os grupos tenham por volta de oito a dez participantes.

Além de trabalhar os conteúdos das aulas durante os cursos, grupos poderiam se encontrar no início de cada módulo para apresentações de novos membros e principalmente para fazer uma espécie de recapitulação do módulo anterior. Pode-se iniciar com perguntas como: o que se transformou em mim em relação ao encontro anterior? O que eu aprendi no módulo anterior e em que isso transformou a minha forma de ver e de atuar? O que eu quero aprender nesse módulo que se inicia agora? Qual é expectativa desse encontro?

Há uma estrutura básica, que deve ser mantida, em todos os encontros destes grupos de trabalho. Trata-se da definição de quatro papéis a serem assumidos pelos participantes. Deve haver um rodízio destas funções nas reuniões sequenciais, de modo que todos se envolvam com a gestão dos trabalhos. No início de cada reunião deve ser feita a escolha dos quatro membros que assumirão as quatro funções, abaixo relacionadas, e para a criação da cronologia que será seguida.

Os quatro papéis e as funções a serem assumidas pelos participantes são as seguintes:

1. *Coordenador* (diretor, líder ou moderador): Esse membro atua como guia do que acontecerá durante os debates e o estudo de um tema. Em primeiro lugar ele deve certificar-se de que a proposta de trabalho tenha sido claramente entendida e todos estejam de acordo. Ele pode formular questões essenciais a serem apresentadas ao grupo. Deve fundamentalmente estar atento ao andamento dos trabalhos, sem se esquecer de cuidar também do conteúdo que foi proposto; deve estimular o diálogo, garantir que todos participem e sempre criar momentos de reflexão, de silêncio, durante a conversação; cabe a ele estar atento para que o grupo não se distancie do tema com divagações e que chegue à meta proposta. Deve garantir pelo menos cinco minutos finais para as considerações do observador.

2. *Relator* (quem escreve a minuta e apresenta o relatório do grupo): Aquele que protocola tudo que foi discutido e que poderá ser levado para uma plenária. Deve tomar nota

durante os debates e pode a cada momento perguntar ao grupo o que estão querendo dizer e o que é essencial para ser anotado. Pode perguntar sempre ao grupo: Eu entendi isso? É isso mesmo que vocês querem dizer? As anotações devem ser feitas em um local visível a todos e de forma que seja possível apresentá-las aos outros grupos, na plenária, em pôster, por *e-mail* ou aplicativos. Desde o início o relator precisa estar informado do tipo de apresentação que deverá fazer para que as anotações sejam feitas em um material ou veículo apropriado.

3. *Administrador do tempo*: Cabe ao responsável pelo tempo, com total autoridade, manter o que foi combinado. Uma vez definidos, no início dos trabalhos, os tempos de cada item da pauta, caberá a esta pessoa dar início, terminar e interromper etapas para que outras sejam iniciadas. O administrador do tempo deve sempre lembrar ao grupo o tempo que falta para que cada etapa seja concluída. Cabe a ele, junto com o coordenador, garantir os cinco minutos finais para as considerações do observador.

4. *Observador* (analista crítico do processo): É aquele que observa e deve relatar qual foi a atmosfera e a qualidade da comunicação entre os participantes, se houve interação, se todos falaram e estiveram atentos aos relatos dos outros, se o moderador esteve atento e ativo para que a meta fosse cumprida, se o relator captou o essencial, se o responsável pelo tempo conseguiu garantir os compromissos, se a pauta foi cumprida, e ainda o que poderia ser mudado para um próximo encontro. Não se trata de um momento de diálogo, mas apenas de ouvir o observador.

Seria bom que cada grupo de trabalho tivesse alguém da coordenação como referência, um tutor. Caso surjam problemas individuais, se alguém se sentir exposto ou marginalizado, haverá uma pessoa da coordenação, um responsável por aquele grupo, que deve ser chamado para tentar resolver impasses ou mesmo providenciar que a pessoa troque de grupo. Esse membro da coordenação pode eventualmente assistir ou estar presente nas reuniões dos grupos, de preferência sem intervir e sem responder perguntas conceituais. No início das reuniões ele pode apresentar a proposta e o tema de uma forma presencial, olho no olho, em cada grupo de trabalho.

Exemplo de como a dinâmica poderia ser organizada em função do tempo para um período de uma hora:

- Por cinco minutos cada membro do grupo lê, individualmente, em um panfleto preparado pela coordenação, um texto contendo o objetivo do trabalho e o tema. Isso pode ser feito pessoalmente, pelo tutor do grupo.

- Os dez minutos seguintes são para que os cargos de coordenador, relator, encarregado do tempo e observador sejam distribuídos entre os membros, rapidamente e de modo informal, sempre alternando os papéis e incluindo em cada função alguém que ainda não os assumiu nos encontros anteriores. Neste mesmo tempo, pode ser feito

uma rodada de apresentação de novos membros, de modo bem objetivo, apenas nome, profissão ou formação e lugar de origem.

- Trinta a quarenta minutos para os trabalhos em si. Os gestores já definidos e atentos aos seus papéis, este é o momento em que os demais participantes podem se dedicar ativamente à tarefa do grupo. Com a palavra inicial o coordenador, que pode fazer perguntas, priorizar tópicos, decidir ou propor acordos sobre a forma de manifestação dos membros etc.

- Cinco minutos finais para as considerações do observador.

Esse tipo de dinâmica capacita o aluno para trabalhar em equipe, de forma interdisciplinar e criativa, de modo autoral, fazendo com que cada um se envolva com o processo de produção do conhecimento. Assim, enquanto aprende um tema, o aluno aprende também a considerar os demais, a elaborar questões, a entender e a aprender a linguagem dos outros e a buscar uma linguagem comum. Coisas que só podem ser aprendidas através de um trabalho onde todos realmente estejam juntos e envolvidos.

A PLENÁRIA NO ENSINO PARTICIPATIVO

A plenária é o momento em que os diversos grupos se reúnem para mostrar relatórios e apresentar perguntas. É a oportunidade que os alunos têm de caminhar juntos. É o momento onde a turma volta a se reunir com o professor para tirar dúvidas, para comungar o que aprendeu e o que está em processo de elaboração. Às plenárias deverão ser encaminhados os resultados das discussões ocorridas nos grupos de trabalho, as dúvidas e novas ideias. Neste momento o professor pode retornar às questões que não foram esclarecidas, pode propor vivências e também aprofundar e apresentar novos conceitos.

A plenária é o terceiro momento de uma trímembração do ensino. Primeiro há a aula expositiva, em que o aluno entra em contato com o tema. Depois os grupos de trabalho, quando os alunos podem falar sobre o que aprenderam. E na plenária o aluno pode apresentar o conhecimento para a turma. Essa é uma possibilidade de educar de modo integral desde o pensar, passado pela fala e indo até a realização. Primeiro aprender, depois conversar e por último apresentar. Observar, elaborar e representar. Receber a informação, desenvolver um senso interior e encaminhar de volta ao mundo. É uma proposta de educação que não se limita a informar, mas cria a possibilidade do aluno representar aquilo que aprendeu. Uma educação que passa os três âmbitos da natureza humana: o pensar, o sentir e o querer. O cérebro, os pulmões e os músculos. Trata-se de um conhecimento que não se limita à cabeça, mas chega ao coração e os membros. Uma educação

que seja antropológica não apenas através de seus temas e conteúdos, mas também em sua forma e na estruturação do método de ensino.

Cada plenária exige uma organização especial, geralmente há muitos alunos reunidos e todos devem estar ativos. O método de trabalho, a pauta e o cronograma devem estar muito claros e ser apresentados antes de cada plenária, evitando correrias no fim dos debates. Deve-se pré-estabelecer, e cumprir o tempo que o relator de cada grupo terá para sua apresentação. Em turmas grandes, quando há muitos grupos a se apresentar, será necessário definir um tempo pequeno ou sortear apenas alguns grupos de modo que haja tempo para os relatos e também para perguntas e manifestações individuais. Trata-se de uma atividade que vai depender muito da capacidade do professor ou de quem vai moderá-la. O moderador deve cronometrar e coordenar os relatos a serem feitos por cada grupo de trabalho, deve anotar novas ideias e encaminhamentos e também evitar que os alunos fiquem passivos ou mudem seu foco de atenção. Ele precisa ser flexível e ficar atento ao tempo disponível e às prioridades, averiguando as necessidades dos participantes. Os alunos podem fazer inicialmente uma rodada de perguntas, e antes de responder, o moderador deve anotá-las agrupadas por assunto, para que as respostas possam contemplar a todas as perguntas, sempre perguntando se falta algo.

É possível criar, dentro das plenárias, dinâmicas que busquem envolver os alunos com o tema. Por exemplo, propor que todos os relatores, sentem-se à frente da plenária para que conversem entre si, por quinze ou vinte minutos, livremente, sobre o que aconteceu nos grupos de trabalho. Os demais alunos apenas assistem ao debate sem interferir. Assim toda a turma pode entrar em contato com a forma de pensar dos demais. Outra possibilidade é fazer uma vivência artística, pode ser uma vivência musical relativa ao tema. Pode-se propor um momento em que cada aluno redija algo que tenha a ver com o que está sendo apresentado, por exemplo, se o tema tiver relação com o tratamento de um paciente, o aluno poderia fazer, individualmente, um plano terapêutico. É possível também que numa plenária se deixe a palavra livre para que todos possam se manifestar. Essa possibilidade pode ser útil em um momento de reflexão sobre a estruturação, administração e para avaliar o conteúdo do curso.

Com a turma toda reunida e ativa a duração de uma plenária deve ser no entorno de uma hora. Jamais deve durar mais que uma hora e meia. Ela nunca deve terminar sem que seja feita uma conclusão, um resumo, contendo sempre algo novo, uma espécie de novo consenso, algo que signifique uma conquista para o grupo. Só se consegue isso se o desafio de manter uma combinação cronológica não for esquecido.

O QUE É COMPETÊNCIA?

Em termos gerais, competência é ter o conhecimento e a habilidade para fazer algo de forma bem sucedida. Tem a ver com eficácia e claramente contrasta com o conhecimento apenas teórico.

Num contexto médico, pode ser entendida como ter o domínio do uso da comunicação, do conhecimento, das habilidades técnicas, do pensamento clínico, da maturidade emocional, dos valores éticos e do raciocínio que orienta a prática médica no dia a dia, para que tudo isso seja disponibilizado em benefício do indivíduo e da comunidade à qual se presta serviço.³

Psicologicamente pode-se definir competência como as capacidades cognitivas e as habilidades que os indivíduos possuem, ou podem aprender, a fim de resolver certos problemas. Associados a isso estão a motivação, a habilidade, o compromisso ou a voluntariedade social, para por em prática o conhecimento apropriado, de modo que se tenha sucesso na resolução de determinadas situações.⁴ No contexto educacional, para o professor, é possível considerar três tipos de competência. A primeira é a capacidade intelectual, ter aprendido, ser capaz de reter e responder pelos conteúdos a serem ministrados. Depois vem a metodologia didática: para a qual o professor precisa inteligibilidade, clareza de expressão para se fazer entender, habilidade para motivar o aluno, inventividade e criatividade para tornar o tema instigante, qualidades que podem surgir e ser acentuadas com a implementação da educação participativa e de grupos de trabalho. Por fim, a habilidade de avaliar as pessoas de modo confiável.⁵

CONCLUSÃO

Para que a medicina antroposófica esteja viva nos médicos e terapeutas é recomendável que todos os alunos nos cursos de formação, em cada módulo, não apenas ouçam, mas também falem e atuem conjuntamente, tanto na aprendizagem quanto no ensino, pois a melhor forma de aprender é ensinar e, através de grupos de trabalho, assumir a produção do conhecimento. É preciso entender, verbalizar e fazer, e assim permear o âmbito do pensar, do sentir e do querer. A medicina antroposófica é um ato de saber, de amor e de atuar, portanto seria bom que esses elementos fossem contemplados durante o ensino, na educação e na formação de médicos e outros profissionais da área de saúde.

Declaração de conflito de interesses

Nada a declarar.

Referências bibliográficas

1. The Peak Performance Center. Learning pyramid [monografia na Internet]. Broadview Heights: The Peak Performance Center; [s.d.] [citado 2017 Fev 15]. Disponível em: <http://thepeakperformancecenter.com/?s=pyramid>.
2. Lalley JP, Miller RH. The learning pyramid: does it point teachers in the right direction? *Education*. 2007;128(1):64-79.
3. Epstein RM, Hundert EM. Defining and assessing professional competence. *JAMA*. 2002;287(2):226-35.
4. Weinert FE. Vergleichende Leistungsmessung in Schulen – eine umstrittene Selbstverständlichkeit. In Weiner FE [Hrsg.], *Leistungsmessung in Schulen*. Weinheim und Basel: Beltz-Verlag; 2001.
5. Rost DH. *Handwörterbuch Pädagogische Psychologie*. Weinheim: Beltz; 1998.

Avaliação: Editor e dois membros do conselho editorial

Recebido em 15/04/2017

Aprovado em 22/04/2017